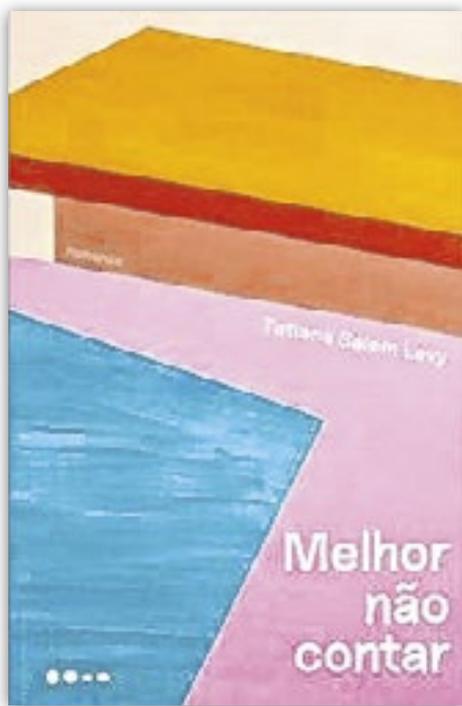


RETROSPECTIVA / LIVROS

Algumas boas leituras do ano

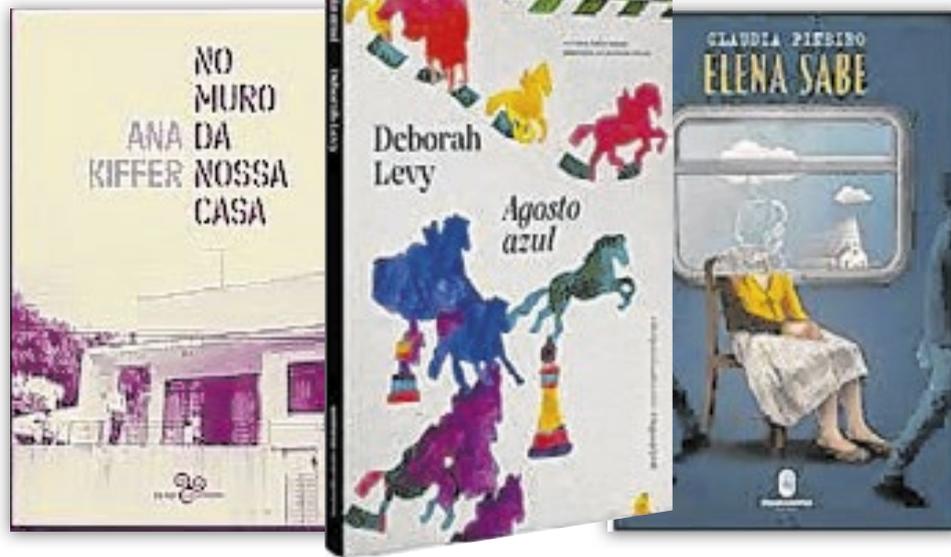


Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Fora das listas de livros mais vendidos - ou mais divulgados -, 2024 foi um ano de bons lançamentos literários, ainda que o brasileiro esteja lendo cada vez menos, segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil. Revelações pessoais misturadas a toques ficcionais continuam em voga, o interesse por “true crime” se solidifica, os temas identitários e anticolonialistas se espalham cada vez mais. No entanto, relacionar o que de melhor foi lido ao longo de um ano inteiro é tarefa pessoal de cada leitor. Como esta lista que se segue aqui.

Há 13 anos a jornalista Regina Zappa lançou um livro-almanaque reunindo fotografias, manuscritos, correspondência, reportagens e outros documentos para contar a trajetória de Chico Buarque a partir do sucesso de “A Banda”, em 1966. Com o personagem completando oito décadas de vida, Regina atualizou as informações da obra do artista-maior do Brasil, que se notabilizou pela música, antes de erigir uma carreira literária respeitável, sempre buscando alertar para a desigualdade social brasileira. Recomendável apenas é ler “Para seguir minha jornada” (Nova Fronteira, R\$ 189) com o livro apoiado em mesa, já que são mais de 500 páginas de registros no volume que ganhou uma belíssima edição.

No finzinho de 2023, com um atraso de 50 anos, chegou ao país a arrebatadora “Trilogia de Copenhaga” (Companhia das Letras, R\$ 71,91), da dinamarquesa Tove Ditlevsen

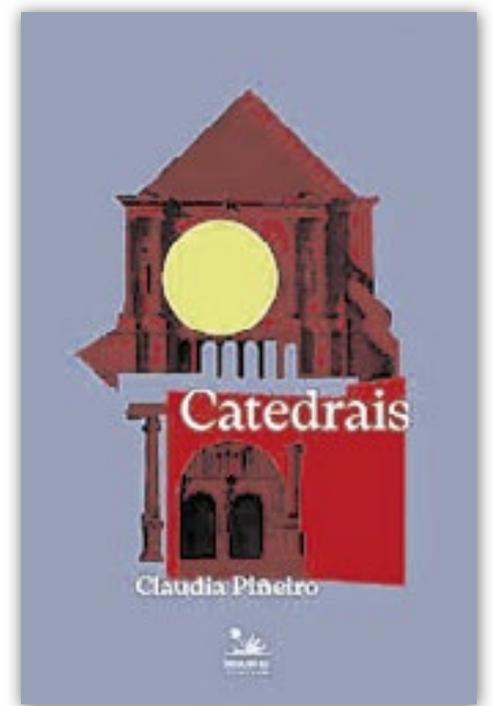


(1917-1976). Publicados entre 1960 e 1970, os três volumes descrevem as transformações da escritora, desde a infância na família da classe trabalhadora, quando a política de bem-estar social engatinhava na Dinamarca. Sua ascensão social decorre da insistência em fazer literatura, garantindo a sobrevivência em subempregos. A agressividade estruturava a dinâmica da família e de uma época de raras demonstrações de carinho entre parentes, amigos e até namorados.

O deslocamento e o não pertencimento dos personagens vai levá-los a esclarecer todos os entraves que emperraram, até então, a existência são características de boa parte da obra da sul-africana Deborah Levy. Em seus

romances, é quase certo que alguém estará de férias ou passando um período distante de casa. “Agosto azul” (Autêntica Contemporânea, R\$ 55) não foge à regra, com a protagonista, uma pianista celebrada, percorrendo diversos cenários na Europa para descrever seu estranhamento por desconhecer suas origens.

Com carreira sólida e reconhecida na Europa, só agora a espanhola Sara Mesa chega ao Brasil. Em entrevistas, ela diz creditar que apesar das mudanças na sociedade, principalmente em termos profissionais, ainda se vive sob a ilusão do mito do amor romântico e quem não mantém um casamento monógamo é fracassado, dilema experimentado pela



tradutora Nat, protagonista de “Um amor” (Autêntica Contemporânea, R\$ 46,90). Claramente um ser urbano, Nat aluga uma casa muito simples em um lugarejo do interior, depois de cometer um delito. Mesmo sem punição, decide trocar a carreira por um ofício solitário, a ser exercido em qualquer lugar e é gradualmente acossada pela realidade árida que a cerca.

Anunciado pelo autor como sua despedida da literatura, de “Dedico a você meu silêncio” (Alfaguara, R\$ 79,90), do peruano Mario Vargas Llosa, Prêmio Nobel de Literatura de 2010, mistura doses de erudição e invenções deliciosas na trama hipnótica. O protagonista, um especialista em música criolla, pretende obter o reconhecimento público escrevendo a biografia de um talentoso guitarrista morto precocemente. A pesquisa o leva a percorrer o país, nos conturbados anos 1990, época das ações do grupo Sendero Luminoso. Enquanto Toño se desloca, o leitor é apresentado ao universo da música peruana, com valsas, mariñeras, polcas e huyanitos, que não apenas animavam festas, mas quebraram barreiras raciais e sociais em torno da fruição artística.

Classificado como ‘romance’ na capa, “Melhor não contar” (Todavia, R\$ 62,90), de Tatiana Salem Levy, trata de luto, saudade e o assédio sexual que sofreu por parte do padrasto, cujo nome só menciona ao lado de outros cineastas consagrados no Brasil. A mãe, Helena, jornalista bem-sucedida, vinha da geração que enfrentou a ditadura militar e viveu “o desbunde”, incentivando a vivência libertária das filhas. Esse belíssimo desnudamento de alma com toques psicanalíticos discute a violência sexual e suas consequências através da busca por relações maduras.